

A IGREJA CORPO DE CRISTO



Coleção **TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

- *Unidade na pluralidade*, Alfonso García Rubio
- *Curso fundamental da fé*, Karl Rahner
- *Teologia do sacramento da penitência*, José Ramos-Regidor
- *História humana: revelação de Deus*, Edward Schillebeeckx
- *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*, Bruno Forte
- *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*, Juan Luis Segundo
- *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, Renold Blank
- *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus (Escatologia II)*, Renold Blank
- *Teologia da ternura: um "evangelho" a descobrir*, Carlo Rocchetta
- *Missão para todos – Introdução à missiologia*, João Panazzolo
- *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*, Clodovis Boff
- *Jesus: a história de um vivente*, Edward Schillebeeckx
- *Maria corredentora?*, Hendro Munsterman
- *De esperança em esperança: escatologia*, VV.AA.
- *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*, Francisco Taborda
- *A face mais íntima de Deus: elementos-chave da Revelação*, Renold Blank
- *Deus e sua criação: doutrina de Deus, doutrina da criação*, Renold Blank
- *Em busca de Jesus de Nazaré*, Eduardo Hoornaert
- *Filhos no Filho: introdução aos sacramentos da iniciação cristã*, João Paulo M. Dantas
- *Sacramentos, práxis e festa: para uma teologia latino-americana dos sacramentos*, Francisco Taborda
- *A Igreja corpo de Cristo: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho*, Pe. Charles Lamartine
- *Esperar a salvação: a escatologia de Hans Urs Von Balthasar*, Leomar Antônio Brustolin (org.)

PE. CHARLES LAMARTINE

A IGREJA CORPO DE CRISTO
SÍNTESE DA ECLESIOLOGIA DE
SANTO AGOSTINHO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lamartine, Charles

A Igreja corpo de Cristo: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho / Charles Lamartine. – 1. ed. – São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Teologia sistemática)

ISBN 978-65-5562-164-8

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430
2. História eclesiástica - Igreja primitiva 3. Donatistas
I. Título II. Lamartine, Charles III. Série

20-4415

CDD 270
CDU 282

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja - História - Santo Agostinho - Donatismo

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Diagramação: *Eligelson Barroso*

Capa: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem da capa: *Santo Agostinho, de Simone Martini*

Impressão e acabamento: *PAULUS*



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2021

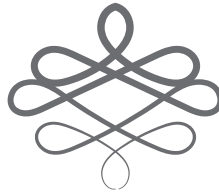
© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

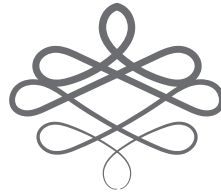
ISBN 978-65-5562-164-8



DEDICATÓRIA

Ao meu bispo, dom Mariano Manzana, que dedicou o melhor de sua vida e ministério a serviço da diocese de Santa Luzia de Mossoró. Homem visionário, investiu fortemente na formação intelectual do seu clero, possibilitando, nos meus estudos em Roma, a aproximação ao grande gênio da patrologia latina, Agostinho de Hipona.





APRESENTAÇÃO

O leitor tem em mãos um livro muito oportuno de Charles Lamartine, *A Igreja corpo de Cristo: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho*, que, com fineza historiográfica e teológica, explica a gênese e as vicissitudes do movimento donatista, combatido por Agostinho como cisma ou cisão, a um só tempo, da Igreja e da racionalidade. A obra apresenta com virtuosidade a fundamentação agostiniana da unidade, santidade, catolicidade (leia-se também como universalidade) e apostolicidade como propriedades essenciais da Igreja. Diga-se logo que a publicação do trabalho em língua portuguesa, cuja feitura original se deu em Roma, como dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Gregoriana, chega em boa hora em função da escassez de estudos sobre os escritos e a prática de Agostinho contra os donatistas ou, melhor dizendo, em favor da unidade (leia-se também como unicidade) e catolicidade da Igreja.

O leitor, assim, tem a honra de ser convidado a pensar a Igreja como corpo de Cristo sob a luz de Santo Agostinho, mas não sem antes o esclarecimento das raízes históricas do movimento donatista, cuja contextualização é didaticamente realizada a respeito da violentíssima perseguição

Pe. Charles Lamartine ||| 7

imperial aos cristãos, como durante o reinado de Diocleciano no início do século IV d.C. A descrição dos vários editos de Diocleciano que submetiam os cristãos a martírios terríveis se não renegassem a Cristo em favor dos deuses pagãos confere ao leitor aclimatação a um período histórico em que professar a fé cristã reclamava a coragem de enfrentar toda sorte de perseguições, opressões, a tortura e a morte por meio do martírio. Numa espécie de processo judicial cuja sentença era a morte pela “simples” confissão de fé em Cristo – em ruptura com a milenar tradição dos deuses pagãos e com os valores constitutivos da história de Roma –, os cristãos que renegavam a Cristo para salvar a própria pele eram chamados de *lapsis* e *traditores*, caídos e traidores, considerados seguidores de Judas.

São precisamente os *lapsis* e *traditores* que os donatistas não aceitavam em sua Igreja, considerando que “A verdadeira Igreja é a *ecclesia martyrum*”, uma “igreja de mártires”, conforme o título do tópico 1.3, do capítulo I, “O donatismo na história”, no qual o leitor também encontra uma breve biografia dos principais expoentes donatistas, como o próprio Donato de Casae Nigrae, Parmeniano, Ticônio, Petiliano. A imersão nesse contexto histórico é fundamental para entendermos que algumas heresias, a despeito da irracionalidade, tiveram emergência a partir de condições de possibilidades efetivas.

A partir do capítulo II, “Agostinho e a questão donatista”, o autor desenvolve fina argumentação – a um só tempo, histórica e teológica – para esclarecer que no pensamento agostiniano há o acontecimento de uma síntese eclesiológica a partir de duas tradições diversas, a norte-africana e a milanesa. A tese do autor é a de que Agostinho absorveu, de sua experiência em Milão e do encontro com o bispo Ambrósio, princípios de sua arte exegética, que nutre, em seu retorno à África, sua argumentação amparada nas Escrituras em defesa da unidade e da universalidade da Igreja contra os donatistas. Do lado da Tradição norte-africana, o capítulo II descreve as linhas mestras da

eclesiologia e da prática pastoral da rica Tradição apostólica norte-africana (Tertuliano, Cipriano, Optato de Milevi...), para indicar alguns elementos teológicos “regionais” que Agostinho resgata para fundamentar a racionalidade de uma Igreja una, católica, santa e apostólica, com explicitação dos donatistas que se desviaram até mesmo daqueles que exaltavam como “seus” antecessores.

Se até aqui o livro empreendeu um movimento de desconstrução da inconsistente eclesiologia donatista, a partir do capítulo III, “A Igreja corpo de Cristo”, digamos que tem início efetivamente a *pars construens* da eclesiologia agostiniana, expressa com todas as letras como uma eclesiologia cristocêntrica. A exclusividade de Cristo como Mediador é desenvolvida para sustentar que a validade sacramental independe da santidade do ministro. A discussão toca diretamente um dos pontos mais polêmicos da controvérsia donatista, a saber, o sacramento batismal. Para os donatistas, a validade dos sacramentos guardava como condição necessária a santidade do ministro, a tal ponto de defender que cristãos batizados fora de sua igreja deveriam ser rebatizados. Já Agostinho, em coerência com a Igreja de Roma, entendia que a graça batismal era iniciativa exclusivamente divina e guardava como condições a invocação da Trindade e a fé de quem recebe o batismo (a rigor, ação de graça), independentemente da condição moral do ministro, que é só um instrumento.

O capítulo III manifesta, assim, a virtude de esclarecer o papel fundamental de Cristo para a comunicação da graça sacramental, inversamente elucidando que a falta dos donatistas incorria também em soberba ao elevarem o homem ao lugar de mediador entre o relativo e o Absoluto. Além disso, o capítulo sobre “A Igreja corpo de Cristo” examina as várias imagens e analogias que atravessam a obra agostiniana acerca da unidade decorrente de uma concepção de “Cristo total” (*Christus totus*): cabeça da Igreja como corpo dele, Esposo da Igreja como esposa; bem como aquelas que desvelam a unidade numa universalidade,

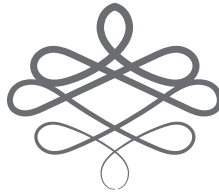
como a unidade dos fiéis no rito da Eucaristia, análoga à unidade e harmonia das vozes de muitos num coral.

A partir disso, Charles Lamartine decifra ao leitor duas dimensões complementares em todas essas imagens e realidades. Uma diz respeito ao lugar privilegiado da “caridade” ou “amor” (*caritas*). A partir de agostinistas do mais alto nível, como J. Ratzinger, o autor elucida que a verdadeira caridade é vertical e horizontal a um só tempo, em direção a Deus e ao próximo simultaneamente, como princípio de unidade seja entre homem e Deus, seja entre a fé individual e a fé eclesial. Decorrente desta, a outra dimensão é a pneumatológica da eclesiologia agostiniana. Afinal, abordar a *caritas* é convite à presença da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, como força de *unitas* seja em nível intratrinitário, seja em nível eclesial, como Espírito unitivo da Igreja, também refletido em alegorias que desvelam a unidade persistente na universalidade da Igreja, como a dos vários membros do corpo vivificados por um único espírito.

Por fim, em contexto de contemplação pneumatológica, Charles Lamartine mimetiza em sua obra o espírito filosófico agostiniano de, ao invés de realizar um fechamento, empreender abertura de novos horizontes para a inteligência da fé. Com humildade, o autor indica que Santo Agostinho absorve em sua antropologia, notadamente em sua concepção de *homo totus* composto de corpo e alma, tanto influência escriturística (e primordialmente paulina), como influência helenística, mas confessa: “Não paramos agora a aprofundar esse argumento, deixando-o para posteriores trabalhos”. O leitor, portanto, tem em mãos um livro agostinianamente orientado! O que mais desejar de uma obra sobre o magno Agostinho?

Luiz Marcos da Silva Filho

Professor de história da filosofia patrística e medieval,
do Programa de Estudos Pós-Graduados
em Filosofia da PUC-SP



PREFÁCIO

É-me por demais honroso o convite/convocação do amigo irmão Pe. Charles Lamartine para prefaciá-lo seu livro, fruto da defesa do mestrado em Teologia realizado na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália, tendo como título: “A Igreja corpo de Cristo: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho”.

Tive que ler a obra não com espírito crítico, mas com espírito objetivo, pois a função do prefácio, como nos leva a entender sua própria etimologia – vem do latim *praefatio*, aquilo que é dito (feito) antes (*prae*) –, é adiantar aos leitores o que encontrarão; assim, já os prepara e desperta-lhes o interesse pela matéria em estudo. Às vezes, como na obra presente, as páginas introdutórias exercem essa função. Servem de bússola para os que se deleitarão com o escrito.

Em uma simbiose de dados históricos e teológicos bem concatenados, o autor analisa a defesa agostiniana contra o “partido” de Donato, a partir do conceito da Igreja corpo de Cristo, fortemente utilizado por Agostinho ao defender a Igreja católica do cisma donatista que marcou profundamente a Igreja africana.

Chamo a atenção à observação feita pelo escritor Montesquieu em seu livro *L'esprit des lois*, para procurar a aprovação

Pe. Charles Lamartine ||| 11

dos futuros leitores. A obra *A Igreja corpo de Cristo: síntese da eclesiologia de Santo Agostinho* realmente põe em prática essa tarefa. Partindo dos assim chamados “escritos antidonatistas”, esclarecendo a metodologia agostiniana, ela é composta por três capítulos. O primeiro, denominado “O donatismo na história”; o segundo, “Agostinho e a questão donatista”; e o terceiro capítulo, “A Igreja corpo de Cristo”.

O desenvolvimento de cada parte demonstra zelo colossal com as muitas e exatas citações de autores antigos e modernos. Relembro Montaigne, que sentenciou: “Citar texto e citação se completam, se esclarecem mutuamente e se somam”. Acrescento, leva outros a conhecer estes autores.

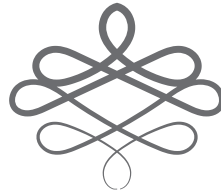
Terminada a explanação bem fundamentada, o livro finaliza com uma conclusão otimista: traça algumas pistas que poderão orientar o viajante disposto a se aventurar nessas plagas agostinianas para alguns “mares nunca antes navegados”. Assim, enchendo-se de contentamento, sabe que muitos outros estudiosos e pesquisadores poderão empreender novas investigações a partir do feito destes escritos.

Claro, a abordagem apresentada não esgota o assunto, porém busca colocar ao público a identidade cristã em personalidades e movimentos da história do cristianismo, alicerçada e alimentada em passado rico que codificou o presente doutrinal da Igreja.

Dando destaque à conclusão da obra, pretendo evidenciar a visão global do autor sobre o conhecimento e a interpretação do pensamento e da catequese do Doutor de Hipona, demonstrando a atualidade de sua doutrina, que ainda hoje é referencial na abordagem da temática na teologia.

Mossoró, 9 de julho de 2019

Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas
Decano do clero diocesano de Mossoró



INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vida como pastor e teólogo da Igreja, Agostinho de Hipona enfrentou, sobretudo, três grandes controvérsias: o maniqueísmo, o donatismo e o pelagianismo. Neste estudo, interessa-nos, de modo particular, a segunda, que é cronologicamente anterior e posterior à biografia dele. Essa problemática não nasceu nos tempos do hiponense, mas teve, de certo modo, seu auge e declínio nessa época.

O donatismo, considerado como uma questão caracteristicamente eclesiológica, foi um grande movimento cismático que floresceu no século IV e tomou amplas proporções sobre parte da Igreja na África. Suas ideologias e práticas ferem em profundo a Tradição católica, gerando na vida eclesial africana um grande desgaste e, conseqüentemente, a ruptura da paz religiosa no catolicismo ali vivente.

No confronto com os cismáticos, o adversário mais significativo foi, sem dúvida, o Bispo de Hipona, que buscou, com metodologia própria, combater as teses da corrente adversária. A campanha contra a seita ocupou grande parte da atividade pastoral e literária do hiponense, levando-o a dar uma importante contribuição no campo

teológico da Igreja católica, sobretudo a eclesiologia e a teologia dos sacramentos.

A produção agostiniana contra o partido de Donato forma um *corpus* de obras que o autor escreve para o povo e os personagens diretamente ligados ao cisma, conhecido como “escritos antidonatistas”. A partir dessas obras, buscamos estudar como o Doutor de Hipona elaborou sua defesa católica frente às teses teológicas dos cismáticos, abordando enfaticamente este argumento: onde está a verdadeira Igreja de Jesus Cristo?

Nossa pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro, buscamos apresentar, de um modo mais aprofundado, em uma perspectiva histórica, como surgiu e se expandiu o donatismo, suas principais teses teológicas e alguns dos seus principais personagens. Vislumbramos sobretudo os líderes mais famosos e aqueles que se destacaram por sua expressão teológica, olhando particularmente para os que chegaram até nós, graças ao testemunho de Agostinho.

No segundo momento, em uma perspectiva biográfica e polêmica, analisamos como se deu a atuação de Agostinho diante do problema donatista. Demos uma maior atenção ao método teológico do hiponense no combate em questão, expondo especialmente sua utilização dos recursos da Escritura e da Tradição eclesial, pondo em relevo a eclesiologia dos padres africanos que o antecederam. Além disso, procuramos mostrar os principais elementos da sua eclesiologia, destacando especialmente sua contribuição para a reflexão das propriedades essenciais da Igreja, que é una, santa, católica e apostólica.

No terceiro e último capítulo, procuramos falar de como Agostinho aprofundou sua compreensão do mistério da Igreja diante da controvérsia donatista. Exploramos sua natureza como comunhão e a ilustramos através da imagem da Igreja como corpo de Cristo e do Espírito Santo como alma deste.

Esta obra que agora dissertamos constitui, na verdade, fruto da nossa aproximação ao grande gênio da patrologia latina, através das leituras realizadas para a elaboração do trabalho final do mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Serviram como guia as obras do próprio autor, aquelas dos teólogos africanos que o precederam, assim como as de alguns autores contemporâneos que se dedicam ao estudo de sua biografia e doutrina.